



V JORNADA DE
ESTUDOS CLÁSSICOS
UFES



MONSTROS,
HÍBRIDOS &
BESTAS
na Antiguidade

- CADERNOS DE RESUMOS -

V JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROGRAMA E CADERNO DE RESUMOS

MONSTROS,
HÍBRIDOS &
BESTAS
na Antiguidade

Vitória, Espírito Santo, Brasil, 18 de maio de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

V Jornada de Estudos Clássicos da Universidade Federal do Espírito Santo

MONSTROS,
HÍBRIDOS &
BESTAS
na Antiguidade

Vitória, Espírito Santo, Brasil, 18 de maio de 2015



Reitor da Universidade Federal do Espírito Santo: Reinaldo Centoducatte

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Neyval Costa Reis Júnior

Diretor do Centro de Ciências Humanas e Naturais: Renato Rodrigues Neto

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Leni Ribeiro Leite

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História: Sebastião Pimentel Franco

Comissão Organizadora

Gilvan Ventura da Silva

Leni Ribeiro Leite

Raimundo Nonato Barbosa Carvalho



A *Jornada de Estudos Clássicos* foi pensada com a intenção primeira de agrupar os profissionais que se dedicam ao estudo da Antiguidade, concentrados na Universidade Federal do Espírito Santo nos diversos departamentos, em uma ação integrada para conferir visibilidade à área. Transdisciplinar por sua especificidade, o objetivo maior da *Jec/Ufes* é dar destaque aos Estudos Clássicos no Espírito Santo a partir da realização de eventos, que não só têm trazido para Vitória importantes especialistas do país e exterior, como tem dado aos pesquisadores do estado um espaço privilegiado de debate e troca de experiências em um intercâmbio necessário, sempre tendo em vista a dupla função do ensino superior, a saber, a formação profissional e a pesquisa. Ademais, objetiva também a apresentação aos alunos de graduação e de pós-graduação a uma prática de estudo interdisciplinar, uma vez que propicia o contato com a produção científica gerada por pesquisadores de ponta desta casa e de outras universidades brasileiras e estrangeiras.

Para a V edição das Jornadas de Estudos Clássicos da Ufes, foi escolhido o eixo temático *Monstros, híbridos e bestas na Antiguidade*. Com o referido eixo temático, pretende-se estimular a reflexão acerca da maneira pela qual gregos e romanos, recorrendo a diversos meios de expressão (literatura, história, pintura, escultura, filosofia), conceberam o seu próprio mundo e o além como um ambiente repleto de figuras imaginárias que despertavam ao mesmo tempo a curiosidade e o pavor. De fato, desde os relatos mitológicos primordiais até as narrativas hagiográficas da Antiguidade Tardia, os antigos foram pródigos em elaborar representações do fantástico, do maravilhoso e do sobrenatural que incluíam, dentre outros elementos, seres híbridos, disformes e monstruosos. Tais representações desempenhavam, sem dúvida, múltiplas funções, podendo ser interpretadas, por exemplo, como uma maneira de se lidar com o desconhecido ou como uma tentativa de desqualificar povos que habitavam o *barbaricum* e que, portanto, careciam da *paideia* ou *humanitas*.

A Comissão Organizadora.

PROGRAMAÇÃO



CONFERÊNCIAS DE ABERTURA

(9H – 11H, NO AUDITÓRIO DO IC2)

José Amarante Santos Sobrinho (UFBA). O maravilhoso, o sobrenatural e o inexplicável dos mitos pagãos na visão de um mitógrafo cristão do início da Idade Média.

Ronaldo Amaral (UFMS). A controversa natureza dos seres monstruosos entre o último período antigo e o advento da cristandade.

MESA 1

(13H30 – 15H30, NA SALA GUIMARÃES ROSA, NO BERNADETTE LYRA)

Ana Penha Gabrecht (Doutora, Ufes). Monstros marinhos na *Odisseia*: o encontro com a alteridade. (Coord.)

Lion Granier Alves (Graduado, Unida e Fanan). A representação do mito de Perséfone mencionado na *Teogonia* hesiódica e descrita no hino homérico a Deméter na Ática arcaica.

Natan Henrique Taveira Baptista (Mestrando, Ufes). Demônios, deuses ou homens? Representação imagética nas *defixiones* norte-africanas (séc. III).

Zilda Andrade Lourenço dos Santos (Doutoranda, Ufes). A personificação de monstros marinhos como lugar comum na produção literária da Antiguidade.

MESA 2

(13H30 – 15H30, NA SALA INGEDORE KOCH, NO BERNADETTE LYRA)

Andressa Furlan Ferreira (Graduada, UnB). “*In the manner of wolves*”: a representação dos cavalos em *Glaucus de Potniae* e sua relação com *Taraxippoi*.

Beatriz de Paoli (Doutoranda, Usp / UFRJ). Doce e selvagem: a deusa Ártemis no párodo do Agamêmnon de Ésquilo.

Fernando Crespim Zorrer da Silva (Doutor, Ufes). A paixão e as feras em Hipólito de Eurípides. (Coord.)

*Luiz Pedro da Silva Barbosa (Mestrando, UFF). A questão da transitividade dos verbos estativos no *perfectum*.*

MESA 3

(16H – 18H, NA SALA GUIMARÃES ROSA, NO BERNADETTE LYRA)

Camilla Ferreira Paulino da Silva (Doutoranda, Ufes). A monstrosidade de Cleópatra na poesia horaciana. (Coord.)

*Fabiano de Souza Coelho (Doutorando, UFRJ). História, Hibridismo e Literatura: Análise das representações de gênero nos livros das *Metamorfoses* de Ovídio.*

*Guilherme Horst Duque (Doutorando, Unicamp). Metamorfoses de Júpiter nos *Amores* de Ovídio.*

*Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (Doutora, UFMG). *Vis consili expers X uis temperata*: Titãs contra Olímpicos na Ode III, 4 de Horácio.*

Rafael Cavalcanti do Carmo (Doutorando, Ufes). Fábrica de monstros: o mundo da sátira juvenaliana.

MESA 4

(16H – 18H, NA SALA INGEDORE KOCH, NO BERNADETTE LYRA)

*Belchior Monteiro Lima Neto (Doutorando, Ufes). *Magi e daimones* segundo a cosmologia teológico-filosófica apuleiana. (Coord.)*

*Carolline da Silva Soares (Doutoranda, Ufes). Monstros ou deuses? A estigmatização das divindades greco-romanos e a depreciação do paganismo na obra *Quod idola dii non sint*, de Cipriano de Cartago.*

Ludimila Caliman Campos (Doutoranda, Ufes). Feras em forma humana: A busca pela unidade no combate aos judaizantes e docetistas a partir das cartas de Inácio de Antioquia (séc. II).

Luiz Fernando Dias Pita (Doutor, Uerj). Do mito para a ciência: a presença de criaturas míticas ou imaginárias em *De Chorographia*, de Pompônio Mela.

CONFERÊNCIAS DE ENCERRAMENTO

(19H – 21H, NO AUDITÓRIO DO IC2)

Camila Aline Zanon (Usp). “Monstros não existem”: a ausência do monstro como categoria em Homero e Hesíodo.

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (Ufes). Manifestações do híbrido nas *Metamorfoses* de Ovídio: uma poética do espanto.

RESUMOS



RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

(em ordem alfabética por autores)

Camila Aline Zanon (Usp)

“MONSTROS NÃO EXISTEM”: A AUSÊNCIA DO MONSTRO COMO CATEGORIA EM HOMERO E HESÍODO. Monstros, junto com deuses e heróis, são figuras comuns na mitologia grega e, dessas três categorias de seres, a de monstro é certamente a menos estudada. Termos como *pelôr* (πέλωρ) e *teras* (τέρας) são usualmente traduzidos por “monstro”, e seus adjetivos derivados, por “monstruoso”. Na *Teogonia*, de Hesíodo, Équidna e Tifeu são referidos pelo substantivo *pelôr* (πέλωρ), enquanto a forma adjetiva (*pelôros*, -ê, -on; πέλωρος, -η, -ον) é usada com frequência para Terra (Gaia; Γαῖα), uma das divindades primordiais, responsável pela configuração inicial do cosmo teogônico, que não é comumente considerada um ente “monstruoso”. Nos poemas homéricos, as formas substantivas e adjetivas encontram uma variação de uso ainda maior: podem remeter ao ciclope Polifemo e à Cila na *Odisseia*, a heróis na *Ilíada*, como Aquiles e Ájax, por exemplo, ou até mesmo a divindades como Ares e Hefesto. Assim, um estudo mais detido desses termos em poemas de tradição hexamétrica arcaica pode revelar que, além de a acepção do que é o monstro ou o monstruoso não se restringir a seres de conformação não antropomórfica, há a possibilidade de a categoria “monstro” ser uma projeção anacrônica de origem talvez aristotélica, medieval ou até mesmo moderna.

José Amarante Santos Sobrinho (UFBA)

O MARAVILHOSO, O SOBRENATURAL E O INEXPLICÁVEL DOS MITOS PAGÃOS NA VISÃO DE UM MITÓGRAFO CRISTÃO DO INÍCIO DA IDADE MÉDIA. Embora sua produção não registre apenas trabalhos em mitografia, *Fulgêncio* é conhecido como o *mitógrafo*. Nascido em Cartago, entre finais do séc. V e início do séc. VI, *Fabius Planciades Fulgentius* é um escritor latino de transição – do final da Antiguidade tardia para o início da Idade Média – cuja biografia ainda nos é bastante obscura: muito do que dele conhecemos se

deve a referências incidentais que se registram em sua obra, especialmente no prefácio do Livro I das suas *Mitologiae*. Autor ainda pouco explorado, Fulgêncio registra em sua obra, conforme nos lembram Wolff e Dain (2013, p. 17), “*une manière d'exprimer le passage du paganisme au christianisme*”, nos deixando conhecer a visão cristã sobre o mundo antigo, notadamente, no caso das *Mitologiae*, uma leitura cristã dos mitos pagãos. Situado no período de transição para a Idade Média, Fulgêncio nos traz fragmentos da visão de mundo de sua época: ainda presa ao universo mitológico greco-latino, considerado como referência cultural. Nesta comunicação, interessa-nos observar os expedientes utilizados por Fulgêncio, assumidamente cristão, ao tomar como objeto de escrita mitos pagãos, com todos os elementos do fantástico, do sobrenatural, do maravilhoso e do inexplicável, mas filtrados e explicados pelo viés da filosofia moral cristã.

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (Ufes)

MANIFESTAÇÕES DO HÍBRIDO NAS *METAMORFOSES* DE OVÍDIO: UMA POÉTICA DO ESPANTO. Leitura do texto ovidiano, buscando flagrar o processo de transformação dos seres, a partir do efeito evidenciado naqueles que o testemunham; efeito cuja descrição permite ao autor elaborar uma verdadeira poética do espanto, no qual o híbrido e o monstruoso sobressaem como elementos centrais indissociáveis, tanto na figuração dos seres retratados, como na configuração de um leitor, também ele um ser em via de transformação pelo espanto.

Ronaldo Amaral (UFMS)

A CONTROVERSA NATUREZA DOS SERES MONSTRUOSOS ENTRE O ÚLTIMO PERÍODO ANTIGO E O ADVENTO DA CRISTANDADE. Nossa exposição tocará em um problema fundamental que marca imperativamente o período de transição que vai do último período antigo ao advento da cristandade: a confluência de duas visões de mundo ora pautadas pelas continuidades (e no seu bojo pelos processos de apropriações, releituras, ressignificações) ora pelas rupturas. Aqui, em particular, trataremos da controversa concepção acerca da natureza dos seres monstruosos que, para além de uma abordagem estritamente historiográfica, nos ensejam a discutir conceitos e percepções de profundas implicações antropológicas e filosóficas, como o belo e o feio, o bem e o mal, o semelhante e o diferente.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

(em ordem alfabética por autores)

Ana Penha Gabrecht (Doutora, Ufes)

MONSTROS MARINHOS NA ODISSEIA: O ENCONTRO COM A ALTERIDADE. Na Odisseia, o mar é muitas vezes associado a epítetos negativos, expressando assim certo medo em relação a esse ambiente. É inegável a importância do mar para os gregos como um espaço de trocas comerciais e culturais, de relevância política e militar, além de ser também uma fonte abundante de alimentos. Mas assume também outras conotações: é selvagem e perigoso, especialmente quando é assolado por tempestades, como as que Odisseu enfrentou ao longo de sua jornada. Nessa comunicação abordaremos a simbologia de monstros marinhos como Cila, Caríbdis e as sereias que cruzam o caminho do rei de Ítaca em sua viagem, para assim entender o papel destas entidades como elementos demarcadores de alteridade.

Andressa Furlan Ferreira (Graduada, UnB)

“IN THE MANNER OF WOLVES”: A REPRESENTAÇÃO DOS CAVALOS EM *PLAVCVS DE POTNIAE* E SUA RELAÇÃO COM *TARAXIPPOI*. Embora se nos tenham legado somente fragmentos textuais, é possível identificar aspectos de uma cultura equestre na sociedade clássica em “*Glaucus de Potniae*” de Ésquilo. Datada de 472 a.C., a obra compõe a terceira peça de uma tetralogia, a qual garantiu a vitória do autor nas competições dramáticas das Grandes Dionísias, festival realizado em Atenas. A história envolve o episódio no qual Glauco, filho de Sísifo (rei de Éfira) e Mérope (uma das Plêiades), foi devorado pelas próprias éguas durante os jogos funerários em homenagem ao rei Pélias. Apesar dos debates calorosos entre acadêmicos acerca da historicidade de “*Persae*” (KYRIAKOU, 2011, p. 17) – segunda peça da tetralogia – este trabalho não discutirá tais questões acerca de “*Glaucus de Potniae*”. Em vez disso, procurar-se-á investigar a relação entre cavalos e o fenômeno *taraxippus* – um espectro, característico por atormentar cavalos –

, a fim de abordar como a representação daqueles poderia ser associada a fenômenos sobrenaturais, especialmente na peça em questão. Tendo em vista que o cavalo era encarado como um elemento “estrangeiro” e “guerreiro” na sociedade grega (ANDERSON, 1961, p. 1), estudos a seu respeito mostram-se relevantes para que se possa averiguar como os clássicos lidavam com o Outro.

Beatriz de Paoli (Doutoranda, Usp /UFRJ)

DOCE E SELVAGEM: A DEUSA ÁRTEMIS NO PÁRODO DO AGAMÊMNON DE ÉSQUILO. No párodo do Agamêmnon, de Ésquilo, o Coro de anciãos argivos, ante a angústia da situação presente no palácio dos Atridas, volta seu olhar para o passado, rememorando o auspício das aves que marcou a partida do exército a Tróia. O adivinho Calcas vaticinara então que, assim, como as duas aves do auspício capturaram e devoraram uma lebre prenhe, os dois reis Atridas conquistariam e destruiriam a cidade de Troia; porém, o festim das águias poderia sinalizar o perigo de o exército argivo incorrer na ira dos deuses e na recusa de Ártemis. Muito se especula entre os helenistas a respeito do verdadeiro motivo da cólera da deusa. No Agamêmnon, no entanto, a ira de Ártemis aparece inextrincavelmente vinculada à manifestação do próprio auspício que deu anuência divina à partida da expedição guerreira para a cidadela de Tróia. Nosso intuito é, pois, observar como, através de uma sobreposição de imagens poéticas e proféticas própria da arte de Ésquilo, delineia-se, nessa intrincada configuração numinosa, tanto rude e selvagem da deusa Ártemis.

Belchior Monteiro Lima Neto (Doutorando, Ufes)

MAGI E DAIMONES SEGUNDO A COSMOLOGIA TEOLÓGICO-FILOSÓFICA APULEIANA. A cosmologia teológico-filosófica de Apuleio de Madaura o aproximava da magia. Para o autor, havia uma associação inerente entre magia, filosofia e religião, sendo esta a chave para a compreensão de sua cosmovisão. Em suas obras – principalmente em *De Deo Socratis* –, Apuleio estabelecia a conexão dos seres humanos com o mundo sobrenatural por meio de uma reflexão vinculada à demonologia platônica, conceituando os *daimones* como seres divinos, intermediários entre deuses e homens e propiciadores de diversos prodígios associados à magia. Em suma, era por intermediação dos *daimones* que um seletivo grupo de filósofos – no qual se incluiria o próprio Apuleio – poderia coagir as entidades espirituais a auxiliá-los em diferentes situações, proporcionando-lhes o poder de influenciar

no curso dos eventos, de prever as ações futuras, de conceder a cura a diversas doenças, entre outros atos miraculosos.

Camilla Ferreira Paulino da Silva (Doutoranda, Ufes)

A MONSTRUOSIDADE DE CLEÓPATRA NA POESIA HORACIANA. No *carmen* I.37, Horácio comemora a vitória de Otávio sobre Cleópatra e Marco Antônio na Batalha de Ácio, fazendo elogios à ação do primeiro e vituperando os consortes. Nessa comunicação, analisaremos a forma como Horácio, ao vituperar a rainha, a qualifica como monstro, enfatizando os aspectos de alteridade entre egípcios e romanos.

Carolline da Silva Soares (Doutoranda, Ufes)

MONSTROS OU DEUSES? A ESTIGMATIZAÇÃO DAS DIVINDADES GRECO-ROMANAS E A DEPRECIAÇÃO DO PAGANISMO NA OBRA *QUOD IDOLA DII NON SINT*, DE CIPRIANO DE CARTAGO. Cipriano foi bispo da cidade norte-africana de Cartago entre os anos 249 e 258. Suas obras – tratados e epístolas – nos oferecem importantes informações acerca do cotidiano e da constituição das comunidades cristãs africanas em meados do século III d.C., sobretudo durante a época das perseguições dos imperadores Décio e Valeriano. Nosso objetivo, nessa comunicação, é evidenciar a estigmatização efetuada por Cipriano contra os deuses greco-romanos no tratado intitulado *Quod idola dii non sint*. Esta obra foi escrita, provavelmente, em 246, ano de seu batismo e período no qual Cipriano ainda não havia sido eleito *episkopos* de Cartago. No entanto, a escritura do tratado nos mostra o zelo e o fervor com que Cipriano, enquanto neófito, encarava a sua conversão ao cristianismo. Acreditamos que Cipriano redige a obra com a intenção de esclarecer, aos recém-convertidos ao cristianismo, que a crença cristã era a verdadeira e que o monoteísmo era a prática religiosa correta, em comparação ao politeísmo pagão. Criticando igualmente judeus e pagãos, o bispo de Cartago objetivava fortalecer a identidade cristã e desqualificar os adeptos das demais crenças.

Fabiano de Souza Coelho (Doutorando, UFRJ)

HISTÓRIA, HIBRIDISMO E LITERATURA: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DAS *METAMORFOSES* DE OVÍDIO. A presente comunicação irá apresentar um trabalho sintetizado como resultado da participação na disciplina “Literatura e Tradução – Metamorfoses em tradução: tradução como texto híbrido”,

ministrada pelo Professor Doutor Raimundo Carvalho, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/Ufes). Os escritos produzidos por Públio Ovídio Nasão (ano 43 a 17 d. C) foram fruto de seu contexto histórico em torno do período da passagem da República para o Império Romano; encontramos em seus trabalhos o retrato do cotidiano romano e algumas críticas as realidades sociais existentes em seu tempo. Desta feita, ancorado na obra *Metamorfoses* de Ovídio, numa perspectiva interdisciplinar entre História e Literatura, temos como objetivo refletir sobre as representações de gênero existentes em alguns textos da referida obra, em especial, nos mitos no qual o autor tratou sobre a mudança de sexo. Por conseguinte, a ideia central da obra *Metamorfoses*, na qual apareceu no século I d. C., era expressar a representação do corpo em metamorfose, isto é, um corpo híbrido.

Fernando Crespim Zorner da Silva (Doutor, Ufes)

A PAIXÃO E AS FERAS EM *HIPÓLITO* DE EURÍPIDES. No mito de Fedra e Hipólito, as feras estão diretamente relacionadas ao desejo, à paixão, à vida e à morte. No lado de Fedra, há a mãe, *Pasifae*, que teve desejos voluptuosos por um touro com o qual gerou o Minotauro e, conseqüentemente, a perda de muitas mulheres que em sacrifício eram dadas ao monstro, segundo uma das versões do mito. No caso de sua filha, e por causa de sua paixão por Hipólito, ela provoca a morte desse jovem. Na peça de Eurípides, a imagem de um touro reaparece na figura de uma besta, que sai do mar e começa a caçar Hipólito na praia, e, após tê-lo derrubado, deixou-o à beira da morte. Animais e monstros fazem parte da vida dos mortais e conseguem alterar o rumo dos destinos dos homens.

Guilherme Horst Duque (Doutorando, Unicamp)

METAMORFOSES DE JÚPITER NOS *AMORES* DE OVÍDIO. Partindo de observações de John T. Davis, em *Fictus Adulter: Poet as na Actor in the Amores* (1989), o presente trabalho se dedica à análise das figurações de Júpiter nos *Amores* de Ovídio com o objetivo de demonstrar sua influência na construção do *amans* elegíaco ovidiano em ação nos poemas. Para Davis, o deus, que em múltiplas ocasiões é referido ao longo das elegias como *adulter*, ocupa a posição de modelo de amante bem sucedido para Ovídio, tendo sua capacidade de se transformar para alcançar seus propósitos enfatizada – ponto chave em que sua representação se distancia da que se lê em *Tibulo* e *Propércio*.

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (Doutora, UFMG)

VIS CONSILI EXPERS X VIS TEMPERATA: TITÃS CONTRA OLÍMPICOS NA ODE III, 4 DE HORÁCIO. As seis primeiras odes do livro III, de mesmo metro e tema comum, ficaram conhecidas como *odes romanas*. Na maior dentre elas, com 80 versos, a III, 4, *Ad Calliopem musam*, Horácio faz alusão a, pelo menos, três conflitos engendrados pelos inimigos do Olimpo: Titanomaquia, Gigantomaquia e o ataque dos irmãos Alóades. De um lado os monstros ameaçando com o retorno ao caos, de outro os deuses olímpicos defendendo a ação organizadora de Júpiter. Esses relatos, liricamente arranjados, serviram para ilustrar a máxima, exposta pelo poeta no verso 65: *uis consili expers mole ruit sua*. O poeta que já se declarara *sacerdos musarum* na abertura do conjunto das “odes romanas” (v.3), na presente ode se coloca como o predestinado pelos deuses desde criança, *non sine dis animosus infans* (III, 4,20), para reforçar seu papel de mestre da juventude e de guardião da justiça e dos bons costumes.

Lion Granier Alves (Graduado, Unida e Fanan)

A REPRESENTAÇÃO DO MITO DE PERSÉFONE MENCIONADO NA TEOGONIA HESIÓDICA E DESCRITA NO HINO HOMÉRICO A DEMÉTER NA ÁTICA ARCAICA. O presente artigo busca apresentar a importância da representação do mito de Perséfone no cotidiano grego, para a compreensão dos fenômenos da natureza. Nas perspectivas da História Antiga, em conjunto com a Filosofia da Religião foi realizado um Movimento parcial da análise do conceito de “mito” e “sagrado”, tendo como proposta uma maior clareza do religioso-mitológico na forma de deuses e similares. Buscou-se nesse aspecto, reportar-se ao construto teórico da teogonia hesiódica e aos escritos de autoria anônima “Hino Homérico a Deméter”, foi apresentando uma hermenêutica introdutória dos textos, servindo de base para aprofundamentos futuros dos estudos de antiguidade, a partir de uma abordagem historiográfica centrada na dimensão de pertinência histórica.

Ludimila Caliman Campos (Doutoranda, Ufes)

FERAS EM FORMA HUMANA: A BUSCA PELA UNIDADE NO COMBATE AOS JUDAIZANTES E DOCETISTAS A PARTIR DAS CARTAS DE INÁCIO DE ANTIOQUIA (SÉC. II). A presente apresentação tem como objetivo analisar as cartas de Inácio de Antioquia (séc. II) a fim de apreender os pontos basilares em seus escritos quanto a busca pela unidade eclesial. De modo a garantir a centralização do poder na *ekklesia*, Inácio vai se pautar seu discurso na depreciação dos seus oponentes os quais serão chamados

de “heterodoxos”, sendo eles judaizantes e docetistas. Ademais, tais serão desqualificados sob a rubrica de “feras” e “plantas más”.

Luiz Fernando Dias Pita (Doutor, Uerj)

DO MITO PARA A CIÊNCIA: A PRESENÇA DE CRIATURAS MÍTICAS OU IMAGINÁRIAS EM DE CHOROGRAPHIA, DE POMPÔNIO MELA. Em *De Chorographia*, obra publicada por volta de 45 d.C., Pompônio Mela estabelece a geografia do Mundo Antigo. E também diversos dos paradigmas desta ciência, alguns válidos até hoje. No entanto, a par da, para a época, extraordinária precisão de dados; na obra o autor mapeia ainda as principais plantas e animais de cada região conhecida. Contudo, o livro traz, também, a localização dos ambientes em que decorreram diversos fatos da Mitologia Clássica, assim como das de outras culturas. Ademais, Pompônio Mela faz, sempre que possível, uma descrição de cada monstro – mitológico ou real – que habita cada uma dessas regiões. Deste modo, a obra de Mela realiza um procedimento inusitado: traz tais figuras – imaginárias ou simplesmente hipertrofiadas – da esfera do mitológico, do religioso, e até do folclórico, para o âmbito do científico, no qual permanecerão até as Grandes Navegações.

Luiz Pedro da Silva Barbosa (Mestrando, Uff)

A QUESTÃO DA TRANSITIVIDADE DOS VERBOS ESTATIVOS NO *PERFECTUM*. Este trabalho é produto da pesquisa que desenvolvemos e dá continuidade a uma série de estudos centrados no sufixo –ē formador de verbos com valor de estado em Latim (daí estativos). Assumindo que o referido morfema/sufixo tem influência direta na transitividade desses verbos, a presente etapa dos estudos de transitividade focaliza os temas de perfectum dos verbos estativos. O corpus de análise consiste em duas comédias de Plauto: *Mostellaria* e *Persa*. Os exemplos de construções com *perfectum* de verbos estativos foram retirados e submetidos à análise de transitividade, segundo os parâmetros de Hopper & Thompson (1980) que abordam a transitividade como uma propriedade da oração, o que chamam transitividade oracional. Assim, os resultados dessa análise são comparados a estudos anteriores semelhantes, que observaram aquelas construções mais prototípicas de verbos estativos, a fim de mostrar os parâmetros que foram mantidos e quais se alteraram.

Natan Henrique Taveira Baptista (Mestrando, Ufes)

DEMÔNIOS, DEUSES OU HOMENS? REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA NAS *DEFIXIONES* NORTE-AFRICANAS (SÉC. III). Essa comunicação tem como objetivo

discutir as características imagéticas que compunham as tábuas execratórias das cidades norte-africanas de Cartago e Hadrumeto durante o Império Romano no terceiro século. Para isso procuraremos analisar, à luz da Análise de Conteúdo da escola francesa, as representações humanoides grafadas nos textos mágicos que se apresentam como um dos vários componentes paratextuais que davam corpo e potência simbólica a *defixio*, afora as *voces mysticae* e os *charaktéroi*. Acreditamos que a partir da análise dessas imagens, podemos perceber sinais claros de ecletismo entre os diversos panteões no plano religioso, filiados as duas características essenciais da magia no Mundo Antigo, ou seja, a policromia e a reelaboração sincrética.

Rafael Cavalcanti do Carmo (Doutorando, Ufes)

FÁBRICA DE MONSTROS: O MUNDO DA SÁTIRA JUVENALIANA. A obra do poeta satírico Décimo Júnio Juvenal é composta, em grande parte, pela força motriz de um ímpeto à denúncia indignada de comportamentos condenáveis do ponto de vista moral. Na faceta de sua obra pela qual foi mais notoriamente conhecido na história da recepção das Sátiras, Juvenal nos mostra que o imaginário de um satirista é povoado por monstros algo distintos das criaturas híbridas e das bestas que, muitas criadas pelas narrativas mitológicas que se tinham como arcabouço cultural, habitavam o imaginário coletivo de gregos e romanos. O monstro juvenaliano, pretendemos demonstrar pela análise de vinhetas das sátiras, trata-se do próprio homem, cujo caráter se distorce ao nível do monstruoso, em razão da completa ausência de valores tradicionais à identidade do homem romano (*romanitas*). Pretendemos, ademais, mostrar como o poeta retrata, nessa perspectiva, o monstruoso como regra em vez de exceção, além da maneira como, em sua poesia, essa monstruosidade ordinária do homem supera em muito os maiores monstros do imaginário coletivo.

Zilda Andrade Lourenço dos Santos (Doutoranda, Ufes)

A PERSONIFICAÇÃO DE MONSTROS MARINHOS COMO LUGAR COMUM NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DA ANTIGUIDADE. Em certos aspectos, a mitologia grega foi assimilada pela cultura romana, que de forma criativa procurou adaptá-la às suas próprias lendas. Assim, o deus dos mares, designado como Poseidon pelos gregos, é assumido pelos romanos como deus Netuno. Esse deus habita o fundo do mar e exerce nessa parte da natureza o seu domínio e poder. Na Antiguidade, o mito do monstro marinho ocupava um lugar comum na produção literária. Em Homero, o deus Poseidon auxiliou os gregos na guerra de Tróia, na narrativa da *Ilíada*, mas levou anos se vingando de Ulisses na narrativa da *Odisseia*. Virgílio descreveu a cena de proteção do deus Netuno quando este livrou as

embarcações da tempestade provocada pela vingança da deusa Juno. De acordo com imagens simbólicas construídas a partir do mito de Netuno, o ruído do mar, a sua profundidade misteriosa, o seu poder, a severidade desse deus que abala o mundo, quando com o tridente ergue os enormes rochedos, provocam na humanidade um sentimento de medo e temor. Assim, nessa linha de pensamento, destaca-se também na literatura hebraica a grandiosidade do mar e seus mistérios, evidenciando-se o controle e o poder de Deus sobre as águas, pois “com seu poder agitou violentamente o mar; com sua sabedoria despedaçou o Monstro dos Mares” (Jó 26.12). No capítulo 41 do livro de Jó há uma descrição detalhada do mito do monstro marinho personificado como Leviatã. Tanto na literatura hebraica quanto na grega e romana, as menções ao monstro marinho estão carregadas de sentidos vinculados à cultura de cada povo.



GOIABEIRAS, VITÓRIA-ES, 18 DE MAIO DE 2015

